

“O AVESSO DO MESMO LUGAR”¹: UM NOVO OLHAR SOBRE A MESMA HISTÓRIA

SILVA, Vagner Félix da²
CONCEIÇÃO, Deborah Terezinha³

RESUMO: A iniciativa para execução deste artigo, nasceu dos encontros e das indagações realizadas pelos integrantes do Grupo PET – Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada, através do diálogo com o Grupo Temático Raça, Racismo e Movimentos Sociais Negros, ambos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus de Seropédica. Buscou-se a partir do presente trabalho apresentar as contribuições negro-africanas para construção da nossa sociedade. Através dos aparatos teóricos, também, foi desmistificado o lugar fantasioso e, por vezes desconhecido, que a África e os africanos em diáspora ocupam no imaginário brasileiro (quase sempre representados como exóticos, subalternos, culturalmente inferiores, etc). Para tal contribuição, foi realizada a inversão de papéis na História a respeito do processo colonial, ou seja, ousou-se imaginar uma outra narrativa para esse episódio. Dessa forma, pretende-se rediscutir os estereótipos que a jornada compulsória de africanos⁴, arquitetada pelas práticas colonizadoras, produziram na população negro-africana e seus descendentes.

PALAVRAS-CHAVES: África; Raça, Racismo, Decolonialidade, Pensamento Afrodiaspórico

ABSTRACT: The initiative for the execution of this article was born from the meetings and inquiries made by the members of the PET Group -

¹ Verso contido no samba-enredo “História para ninar gente grande” de 2019 do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira de autoria de Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira, Danilo Firmino, Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.

² Integrante do Grupo PET – Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus de Seropédica. E-mail: vagfe88@gmail.com

³ Integrantedo Grupo PET – Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus de Seropédica. E-mail: deborahvinhal1@gmail.com

⁴ Entende-se por jornada compulsória o tráfico transatlântico de africanos para o Brasil (1550-1850).

Ethnodevelopment and Differentiated Education, through dialogue with the Thematic Group Race, Racism and Black Social Movements, both from the Federal Rural University of Rio de Janeiro - Seropédica Campus. From this work, it was sought to present the Black African contributions to the construction of our society.

Through theoretical apparatus, too, we demystify the fanciful and sometimes unknown place that Africa and Africans in the Diaspora occupy in the Brazilian imagination (almost always represented as exotic, subaltern, culturally inferior, etc). For this contribution, the inversion was performed of roles in history regarding the colonial process, that is, we dare to imagine another narrative for this episode. Thus, it is intended to re-discuss the stereotypes that the compulsory african Journey, designed by the colonial machine, produced in the black African population and their descendants.

KEYWORDS: Africa; Race, Racism, Decoloniality, Afro-diasporic thinking

INTRODUÇÃO

A ideia para a realização desse artigo nasceu durante os encontros e discussões realizadas por discentes do Grupo PET – Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada (ETNOPET) e do Grupo Temático Raça, Racismo e Movimentos Sociais Negros, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, ambos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus Seropédica, que durante este momento de estudos remotos tem realizado reuniões com a finalidade de debater textos que possam aproximar as temáticas trabalhadas por esses grupos. Em um desses encontros foi proposta a leitura e análise do texto “A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos” (1995) da professora Giralda Seyferth e a partir desse episódio foi sugerido que fizéssemos a reelaboração dos lugares ocupados por pessoas brancas e negras ao longo da História.

Algumas explicações devem ser realizadas antes de adentrarmos no *corpus* deste artigo. O fato de termos efetuado o exercício da troca de papéis sociais ocupados por pessoas negras e pessoas brancas no período histórico referente as ações colonizadoras, não caracteriza essa escrita como uma

ferramenta que tem intenção de gerar, a partir do seu conteúdo, nenhum tipo de segregacionismo, incitar o ódio ou até mesmo levantar hipóteses de que há um grupo social mais evoluído que outro. Pelo contrário, nosso objetivo é contribuir para desconstrução de quaisquer resquícios, que ainda possam existir a respeito do pensamento colonial que está presente nas relações sociais. Assim, o artigo se dividirá em dois eixos principais: no primeiro haverá uma breve narrativa ficcional elaborada através de acontecimentos históricos⁵, mas contada a partir de um outro olhar ou (como foi preferido chamar) uma outra realidade possível de ter acontecido na História. Por isso, o título “O avesso do mesmo lugar: um novo olhar sobre a mesma história”. A reconstrução do processo colonial, que apresentaremos aqui, através de outra ótica, não é algo inédito. Produções do audiovisual como o curta-metragem “Vista a minha pele” (2003)⁶ e a série televisiva “A cor do poder” (2020)⁷, são alguns exemplos de produções que percorreram outros caminhos para discutir as questões sociais e políticas agravadas pelo racismo e nos fazem questionar as estruturas que fundamentam nossa sociedade.

A escolha pelo relato ficcional, como ferramenta para problematizar os assuntos pertinentes ao racismo e a colonização, está alicerçada na ideia de que a revisitação de acontecimentos da nossa História nos ajuda a elucidar questões que ainda estão presentes no nosso cotidiano, ou seja, ao olharmos para o passado somos capazes de encontrarmos justificativas que nos fazem compreender o presente. As obras de ficção são, em alguns casos, produtos de reflexões dos acontecimentos da “vida real” e, muitas vezes, possuem um papel de responsabilidade social muito importante, pois inúmeras denúncias foram (e continuam sendo) realizadas através delas (CANDIDO, 1995).

No segundo eixo, a partir dos pressupostos teóricos, realizaram-se intervenções com a intenção de aprofundar reflexões quanto as relações

⁵ Ver CABAÇO, 2007

⁶Curta-metragem de Joel Zito de Araújo. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM&t=23s>>

⁷ Minissérie produzida pela *British Broadcasting Corporation* (BBC) e baseada no livro “*Noughts and Crosses*” da autora britânica Malorie Blackma.

raciais e a criação dos estereótipos como uma engrenagem que garante a manutenção de certos privilégios a um determinado grupo em detrimento da subalternização de outro e todo processo realizado para a validação científica e social dos estereótipos para produção de “taxonomias raciais” (SEYFERTH, 1995). Também lançaremos luz sobre as contribuições das sociedades africanas para construção das mais variadas sociedades.

Para alguns a África é sinônimo de pobreza, miséria e habitada por pessoas “sofridas”, porém pouco ouvimos falar que nela existem riquezas culturais e naturais que não encontramos em qualquer outra parte do mundo; outros a (re)conhecem como berço da humanidade e sua importância para formação de outras civilizações. Entender como essas representações se relacionam e como afetam (e influenciam) a visão do resto do mundo em relação a esse continente e seus descendentes não é um trabalho simples, certamente, também não é trabalho que se esgotará nessa escrita.

Ao propormos uma releitura da história colonial em África, e seus desdobramentos na diáspora, o seguinte questionamento nos inquietou: o que realmente conhecemos do continente africano? Aparentemente essa seria uma pergunta fácil de ser respondida, mas a verdade é que ela nos revela outras questões. Até que ponto nossos conhecimentos, a respeito desse continente e de seus povos, estão repletos de informações fornecidas pela mídia? E essas mídias, que nos “bombardeiam” (des)informações sobre a África, não pertencem aos países que exploram esse território há muitos séculos, desde os períodos das grandes navegações?

Há muito que se pensar sobre as questões trazidas por esse continente, seja no passado (durante o período de colonização europeia), seja nos dias atuais. É preciso que abandonemos a visão romantizada que sempre nos ensinaram a ter em relação ao território africano e adentrarmos numa análise com profundos questionamentos, para que seja possível avançar nas discussões que abordam os preconceitos e as questões raciais com o intuito de chegarmos a complexa definição de sociedade e entender o mecanismo das relações de poder. Esperamos que os escritos desse trabalho possam auxiliar na busca pela elucidação de tais apontamentos, tornando-se instrumento de apoio na luta antirracista.

E SE TUDO ACONTECESSE DE OUTRA MANEIRA: UM RELATO FICCIONAL SOBRE O PERCURSO FEITO POR ÁFRICA PARA COLONIZAR A EUROPA

A necessidade de fortalecimento das relações mercantilistas levou alguns países da África a desenvolver um importante império no continente europeu. O primeiro contato entre africanos e europeus ocorreu entre os anos de 1460 e 1498⁸. Os habitantes das costas britânicas avistaram ao longe embarcações que trouxeram até as praias pessoas com vestimentas incomuns, donas de um tom de pele e língua diferentes, que acreditaram que tratavam-se de deuses remotos. O encontro ocorreu de maneira amistosa: houve tentativa de comunicação e troca de algumas especiarias.

Com o passar do tempo mais e mais embarcações, algumas semelhantes as primeiras e outras ainda desconhecidas, foram desembarcando na parte costeira do continente europeu com o objetivo de combater as investidas de outros grupos e lutar pela supremacia dos mares. O avanço comercial de países da África para Ocidente, marcaria o nascimento de uma supremacia que criaria inúmeros benefícios para a nobreza desses países e geraria o processo de concentração de riquezas para as burguesias que estavam em ascensão naquele continente.

A presença dos africanos na Europa deu-se de maneira lenta, mas progressiva. Os novos habitantes fixaram-se na parte costeira, pois a geografia desses lugares apresentava grandes facilidades para as rotas do mercado e pontos estratégicos de defesa contra investidas de outros navegantes e da própria população nativa.

Após a Primeira Revolução Industrial Africana⁹, o continente passa por um grande crescimento econômico que exigia novos mercados, a expansão das fronteiras e o total domínio das fontes de matérias-primas, o que explica o altíssimo índice de expansionismo africano para Europa. O crescimento econômico africano, colocou a Europa sob uma intensa competitividade desarticulada entre as grandes metrópoles industriais. No

⁸ Ocupação das ilhas de Cabo Verde e chegada dos portugueses a Moçambique (CABAÇO, 2007).

⁹ Alusão a Primeira Revolução Industrial que ocorreu na Europa entre 1760 e meados 1850.

ano de 1884, o representante de Angola na África do Sul solicitou uma audiência ao Ministro de Negócios Estrangeiros senegalês, Machy Sall¹⁰, para entregar-lhe uma mensagem solicitando uma reunião com os países da União Africana de Assuntos Internacionais. A reunião tinha como finalidade a realização de acordos sobre a dominação na Europa, pois ainda não haviam regras definidas para a exploração dos territórios conquistados, nem tampouco, uma partilha definida dos territórios das colônias, o que acabava gerando uma série de conflitos entre as potências industriais autóctones. Essa reunião ficou conhecida como a Conferência do Benim (1884-1885)¹¹, onde foram definidas as normas para exploração colonial, os direitos à ocupação dos territórios europeus e a partilha da Europa entre os países africanos, como forma de evitar possíveis desacordos entre os colonizadores.

A partir da total ocupação dos territórios europeus, a formação do estado colonial se intensifica e as diferenças entre africanos e europeus tornam-se cada vez mais acentuadas. O poder colonial, exercido pelos africanos, começa a apresentar suas duas faces: uma que governa de maneira arbitrária e favorável aos colonos e outra de maneira coercitiva, destinada aos colonizados. O Estado era responsável por realizar as explorações de recursos humanos e naturais, assumindo uma política repressora. Dessa maneira, as relações entre colonizados e colonizadores são fundadas – dentro da legalidade – na exploração e na desigualdade.

Ao desembarcarem nas colônias europeias, o homem africano encontra uma civilização avessa cultural e politicamente da sua, com símbolos e significados desconhecidos pela África. Na visão antropológica e filosófica que permeava os colonizadores autóctones, o homem europeu carecia de salvação por estar mergulhado na mais profunda escuridão intelectual, social e espiritual. Essa ideia foi alicerçada na ideologia da

¹⁰ Primeiro-ministro senegalês entre julho de 2004 e junho de 2007. Atualmente ocupa o cargo de presidente do Senegal.

¹¹ Alusão a Conferência de Berlim. Segundo CABAÇO (2007), essa Conferência ocorreu entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885 e tornou oficial a ocupação dos territórios africanos por meio da colonização europeia.

“superioridade racial”, na qual brancos são classificados como inferiores em relação aos negros. Para os africanos, tudo na Europa fugia dos seus conceitos de sociedade e civilização. Os relatos sobre os colonos europeus eram sempre descritos como algo exótico que fugia da compreensão africana.

Não havia espaço para pele branca em lugares ditos como civilizados (Metrópole), à ela restava apenas os afazeres que exigiam força braçal e os serviços domésticos. O branco era encarado como uma mão de obra barata, um objeto sem atributos intelectuais. Tudo que dizia respeito ao homem branco (cultura, língua, religião, etc.) eram atribuídas a características inferiores.

Os colonizadores ao se instalarem de maneira definitiva nas colônias, adotaram uma postura dominante e julgaram que se fazia necessário uma política de civilização para o povo branco colonizado. Segundo as religiões africanas, os brancos precisavam de salvação religiosa. O sistema colonial inicia a imposição de seus costumes civilizatórios, culturais e religiosos aos naturais da terra na tentativa de silenciar a história e a cultura daquele território, fazendo com que os laços da tradição em que a sociedade europeia estava mergulhada sejam desatados. A exigência das línguas como Kimbundu¹² e Ronga¹³ nas colônias europeias, na segunda metade do século XIX, é uma dessas imposições feitas pelos africanos.

Com intenção de salvar e educar os brancos, os sacerdotes africanos, com aval do Império, criam escolas e templos nas colônias. Nesses espaços os brancos recebiam catequização a respeito da civilização colonizadora. Fazia parte dessa “missão civilizadora” a implementação e execução da “política assimilacionista”¹⁴. Não havia uma ideia consolidada a respeito dessa política, por isso ela se adequava conforme as necessidades dos colonos, mas em todos momentos essa adequação tinha como principal objetivo a inferiorização da cultura branca-europeia e o enaltecimento da cultura africana. A partir da “missão civilizadora”, que tinha como plano de ação o

¹² Kimbundu ou Quimbundo – língua africana falada no noroeste de Angola.

¹³ Língua do grupo étnico Tsonga falada em Moçambique e no Zimbábue.

¹⁴ Ato Colonial (1930) e a Carta Orgânica do Império Colonial Português (1933)

trabalho e a educação, habitantes dos territórios escravizados absorveriam a cultura dominante e poderiam ser considerados cidadãos africanos. Essa cidadania era garantida a partir da ocasião que os oprimidos abrissem mão de sua terra e aceitassem por inteiro as leis, religião e a língua do opressor, tornando-se uma “réplica do negro”¹⁵.

De acordo com o Império Africano essa transformação – do homem selvagem no homem civilizado por meio do processo de assimilação - seria um ato de generosidade para com os “menos evoluídos”. Desse modo (na visão colonizadora), os europeus estariam “salvos” do seu “barbarismo” habitual e de seu “vazio cultural” ao tornarem-se homens “civilizados” à moda africana.

Ao nos debruçarmos sobre a relação dos colonizadores africanos para com suas colônias europeias, podemos notar que sempre houve um interesse na mão de obra do povo branco-europeu, dessa maneira, quando os colonos não encontraram mais a quantidade de riquezas nas colônias, ficou estabelecido que o branco seria a principal mercadoria. Assim, iniciou-se o tráfico humano sob o domínio dos africanos para com os europeus. Os países das Américas, sobretudo o Brasil, receberam inúmeros navios com esses escravizados. Sabemos que a prática escravocrata não nasceu no período histórico em questão, mas podemos salientar que essa prática se intensificou a partir da justificativa do modelo econômico tropical e monocultural das Américas, por conta da carência de trabalhadores braçais para esses cultivos. Segundo os grandes sacerdotes, os brancos eram elementos fundamentais para esse tipo de trabalho, pois eram possuidores de grandes conhecimentos a respeito da agricultura. Aos colonos eram reservadas as missões de sistematizar e organizar o crescimento e o enriquecimento dessa nova colônia.

NECESSIDADE DE EXPLICAR

A narrativa que acabamos de apresentar não consta nos livros de

¹⁵ Ver Fanon, 2008

História, pois como próprio nome desse trabalho já sugere: lançamos um novo olhar para a História, fizemos um avesso do mesmo lugar. Sabemos que o período colonial e toda sua barbárie existiu – inclusive em nosso continente, porém não foram os africanos os responsáveis por essa empreitada desmedida. Afinal, África nunca colonizou a Europa e os negros nunca se autoproclamaram “senhores” dos brancos.

A leitura pode ter causado algum certo desconforto e surpresa e nesse momento, aproveitamos para sugerirmos os seguintes levantamentos: por qual(is) motivo(s) nos assustamos quando contamos a velha história sobre “descobrimientos”, a partir de outro olhar? Outros povos, além dos brancos-ocidentais, não seriam capazes de desbravar territórios ainda “desconhecidos”? Por que nos incomoda tanto o fato de que brancos pudessem ser escravizados por negros ou indígenas ao passo que o contrário aconteceu e isso (nem sempre) causa a mesma comoção coletiva?

E a resposta para esses questionamentos, talvez seja mais simples do que pensamos; ao nos indignarmos diante de “tamanho absurdo” estamos assumindo aquilo que já está naturalizado em nosso cotidiano: somos uma sociedade estruturalmente racista. Sobre racismo estrutural o professor Silvio Almeida comenta:

(...) o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (2019, p. 33)

Portanto, somos ensinados a naturalizar os espaços ocupados por determinadas etnias na construção da nossa sociedade. Nós naturalizamos as relações étnico-raciais sem jamais ousar questionar os lugares pré-determinados para pessoas não-brancas. Toda nossa memória foi ensinada a partir do pressuposto que existem raças superiores e raças inferiores entre os seres humanos. Portanto, todo processo de colonização, tal qual como conhecemos, aconteceu como um percurso natural das raças superiores em detrimento das raças menos evoluídas.

Segundo a professora Giralda Seyferth (1995, p. 175), “raça é um

termo de múltiplos conteúdos que vão, em contínuo da ciência à ideologia (...)"'. A autora em questão, salienta que a partir das discussões e classificações sobre as diferenças existentes entre os homens e suas respectivas sociedades, alguns estudiosos produziram esquemas para classificá-los com base em certas características. Alguns desses esquemas classificatórios buscaram nas "leis da natureza" as explicações para as diferenças culturais e físicas que existiam. Seus estudos apontam que Cuvier¹⁶, por exemplo, foi responsável pela invenção do tipo biológico como base para esta classificação. Apoiado nas doutrinas raciais anteriores ao seu tempo e nas pesquisas realizadas pela ciência antropológica, seu estudo tipológico sobre as raças humanas, propuseram que as diferenças físicas são responsáveis por produzirem as diferenças nos campos culturais e mentais entre os seres humanos.

A cor da pele foi a característica classificatória que se impôs, tanto nas taxonomias científicas como nas concepções mais populares sobre as raças humanas. A cor da pele e a forma dos cabelos e dos olhos, a estatura, diversos índices cranianos e faciais. O peso e o volume do cérebro, entre outros traços fenotípicos, também serviram às distinções raciais realizadas desde o século XIX (...). (SEYFERTH, 1995, p. 176)

A partir das pesquisas de Cuvier foi proposta uma organização da hierarquia social em que brancos encontravam-se no topo da pirâmide e os negros na base. Essa "convicção", que levou a declaração dos brancos como seres superiores, está presente até os dias de hoje, (re)produzindo inúmeros significados sociais para os descendentes de africanos, mesmo diante de todas as averiguações realizadas no século XX pela ciência.

A VERDADEIRA INFLUÊNCIA E DINÂMICA DA CIVILIZAÇÃO AFRICANA E PENSAMENTO AFRODIASPÓRICO

Apesar do enredo acima ter sido baseado em suposições para ocasionar provocações e indagações sobre o tema, é preciso constatar que, o continente africano e seus descendentes foram em um passado remoto, e

¹⁶ Georges Cuvier - naturalista e zoologista francês da primeira metade do século XIX.

ainda hoje o são, responsáveis por inúmeros feitos que serviram como base para a evolução humana.

Comprovadamente, a civilização mais antiga do mundo é a civilização negra tendo, sua origem na África. Foi na África também que os primeiros homens negros, assim como nós reconhecemos atualmente, tiveram o seu surgimento por volta de 150.000 anos a.C.

Conhecido como homem de Grimaldi, era o *homo sapiens* negro que inscrevia sua presença nas cavernas da atual região Basca na Europa, do mesmo modo como fizera nas cavernas das regiões da chamada África do Sul. (LUZ, 2017, p. 23)

Apesar da ideologia colonialista e racista ter escondido durante muito tempo toda história e grandeza do povo negro bem como de todo o seu continente, a partir do surgimento do homem de Grimaldi, é possível listar inúmeras contribuições que a cultura negra exerceu sobre as civilizações da Europa, da Ásia e até mesmo da América pré-colombiana.

Para melhor exemplificar tal influência, podemos tomar como referência inicial a cultura negra do Egito “quando, por exemplo, se registra o uso nos anos 4.236 a.C. do calendário astronômico de 1.460 anos que dividia com absoluta precisão o ano em 365 dias, e que exigia sofisticados conhecimentos matemáticos”. (LUZ, 2017, p.24)

Avançado em valores e tecnologias o passado civilizatório negro-africano deixou seu legado registrado nos sistemas hidroagrícolas complexos do Nilo, em inúmeras técnicas de agricultura, na metalurgia, na navegação, no comércio, bem como em contribuições fundamentais no que diz respeito as elaborações filosóficas, religiosas e científicas, como veremos adiante.

Na concepção dos povos africanos mais tradicionais, o mercado é considerado o centro vital e universal da comunidade. “*Ninguém sabe quando o lobo vai para o mercado.*” (Provérbio Fon). Na África tradicional o modelo de mercado funciona essencialmente aos moldes das feiras brasileiras, é um espaço onde há dinâmica, onde todo mundo se encontra, onde as negociações acontecem e onde a imprevisibilidade dos fatos está presente.

Demonstrando parte desta dinâmica, Prandi em seu livro “Aimó – uma viagem pelo mundo dos orixás” descreve o mercado como ponto comum de encontro da comunidade, como um espaço de cultura, um lugar de cura,

assim como um lugar de venda e troca de tudo que se anseia.

Mulheres e homens chegavam para vender e comprar, artesãos para expor suas peças, herboristas para preparar seus remédios, artistas para se exhibir. Gente ia e vinha, sem ter necessariamente alguma coisa para fazer. No mercado se conversava, tudo se sabia, de todos se falava. Precisando de alguma coisa, no mercado tinha, era o que se dizia. (PRANDI, 2017, p.70)

Ainda sobre as possibilidades que o mercado apresenta na vida cotidiana dos africanos, Prandi ressalta a presença imprescindível dos filhos de Olorum, Exu e Ifá, neste contexto.

O mercado, reunião de vendedores e compradores que acontecia na praça da cidade, a feira semanal do local, era onde tudo acontecia. Não podia faltar Exu, que estava lá, ocupado com suas atribuições. Afinal, ele também era o orixá das trocas. E ali também estava Ifá, atendendo a uma fila de consulentes que ansiavam por suas adivinhações, predileções, conselhos e soluções. (PRANDI, 2017, p.70)

Buscando um paralelo entre a associação cultural tanto do mercado quanto dos orixás, no Brasil, a influência deste legado é perceptível e inegável. Para além da associação estética das feiras livres com os mercados africanos, podemos citar também a presença viva da Feira de São Joaquim localizada em Salvador – BA e o assentamento do orixá Bará¹⁷ no espaço comercial mais antigo de Porto Alegre que nos indica, deste modo, o crédito do contínuo transatlântico no processo histórico e cultural da sociedade brasileira.

A exemplo do “Bará do Mercado”, é possível perceber também a influência do vínculo religioso por intermédio da influência da matriz africana no Brasil. Segundo Luz, a intervenção do enredo religioso africano no país é tão importante que “são dessas instituições que se irradiam os processos culturais múltiplos que destacam uma identidade nacional.” (2017, p.29)

Sobre a presença de tais processos, suas diversidades culturais, linguísticas e geográficas, Nascimento em seu livro “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado” nos relata:

¹⁷ Bará, que, na crença do Batuque — derivada da nação religiosa do Cabinda —, é a entidade que abre os caminhos, o guardião das casas e das cidades e que representa o trabalho e a fartura.

Candomblé é o nome que recebeu a religião dos povos iorubás, trazida da Nigéria para o Brasil. Porém o candomblé inclui variações de outros grupos culturais vindos da África, tais como os ewe (gêges) do Benin, Angola-Congo e outros ramos bantos. Culto dos orixás, o candomblé resistiu e conservou intato seu corpo de doutrina, sua cosmogonia, e teogonia, o testemunho dos seus mitos vivos e presentes. (NASCIMENTO, 2016, p.125)

Entretanto, vale ressaltar que, em terras brasileiras, a manifestação espiritual africana não ficou restrita somente a questão religiosa do candomblé, mas também abarcou outras formas através de festejos populares como os autos populares dos congos, o tambor de crioula, o bumba meu boi, assim como nos desdobramentos de outras religiões de matriz africana como, por exemplo, o Batuque encontrado mais frequentemente no sul do país, a Umbanda nascida no Rio de Janeiro etc.

Outra grande influência do legado africano para a sociedade se dá através das filosofias africanas. No livro "Filosofias Africanas – uma introdução" os autores Nei Lopes e Simas, apresentam um aporte sobre tais filosofias a partir do fundamento dos saberes africanos, sua essência preservada através dos provérbios, da sua diversidade e dos ensinamentos repassados de geração em geração por intermédio da tradição oral. Para além disso, os autores apresentam uma visão da contribuição significativa das filosofias africanas a partir de filósofos e afrodescendentes contemporâneos.

Este é o ponto central do nosso argumento: denunciar o imperialismo na tradição intelectual e a sua obra epistemicida – que extermina saberes e tecnologias – buscando afirmar uma "fala" africana, na contramão dos teóricos em geral, que tendem frequentemente a generalizar a partir de uma base eurocêntrica. Dessa forma, procuraremos demonstrar a existência de um conceito africano de pensamento, baseado nas concepções filosóficas da tradição africana. (LOPES; SIMAS, 2020, p.16)

O fato de o discurso colonizador europeu não se associar às filosofias africanas dá-se, em grande medida, pela discrepância da visão de mundo estabelecida por estes povos. De um modo geral, as filosofias africanas possuem em suma "a particularidade de entenderem o Universo não como uma entidade estável, fixada no ser, mas como um organismo em constante transformação e crescimento" (LOPES; SIMAS, 2020, p.17).

Outro ponto a ser considerado das filosofias africanas como regra geral e que se apresenta na contramão do pensamento colonizador é que as

[..] filosofias africanas comportam uma ética fundante. Elas não se baseiam em uma decisão divina que proíbe certas ações e as transforma em pecados. Na praxe africana, o mal é o que prejudica os outros. (LOPES; SIMAS, 2020, p.17).

Acerca de influências mais contemporâneas podemos citar o legado do afro-americano nascido na cidade de Montgomery – Alabama, Percy Lavon Julian, um dos mais bem sucedidos químicos negros do mundo.

Graças à Julian, a química ingressou na era de síntese e produção em escala industrial de substâncias esteroides. Um dos derivados mais importantes dessa pesquisa foi a criação das pílulas anticoncepcionais. Mais tarde, ele deu início a sua própria empresa de fármacos sintéticos e esteroides intermediários, sintetizados a partir do inhame selvagem mexicano. Durante sua vida ele patenteou mais de 130 produtos químicos, muitos dos quais derivados de esteróides e alcalóides (PINHEIRO; ROSA, 2018, p.141).

Para além de tais feitos o químico Julian, em 1953, fundou sua própria empresa de pesquisa denominada “Julian Laboratories” e em 1973, foi eleito para a renomada Academia Nacional de Ciências: “Ele se tornou o segundo afro-americano a ser empossado, o pioneirismo foi do matemático afro-americano David Blackwell (1919-2010)” (PINHEIRO; ROSA, 2018, p.142).

Já no campo dos pensadores africanos e afrodescendentes contemporâneos são inúmeras as referências que podemos citar entre elas estão Ama Mazama, Carlos Moore, Cheikh Anta Diop, Frantz Fanon, Maulana Karenga, Mekada Graham, Molefi Kete Asante, Reiland Rabaka, entre outros.

Podemos citar também Achille Mbembe com seus estudos voltados para a História da África e o pós-colonialismo, onde o mesmo busca compreender a África “a partir das relações estabelecidas nos níveis psíquico, semiótico, político e sexual com o resto do mundo” (LOPES; SIMAS, 2020, p.124).

Para além dos nomes citados acima, ainda é possível acrescentar a esta lista o brasileiro Muniz Sodré, Mestre da Sociologia da Informação e Comunicação, Doutor em Letras, escritor e Docente em Comunicação pela

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com mais de trinta livros publicados, o baiano desenvolve juntamente com seus estudos sobre comunicação “importantes reflexões sobre a potência das formas culturais de matriz africana como antítese de uma visão homogeneizadora do mundo fundamentada na modernidade europeia” (LOPES; SIMAS, 2020, p.130).

Apesar de termos nos baseados em apenas alguns exemplos da contribuição da civilização africana para o mundo e, neste processo, incluímos sua contribuição fundamental para o Brasil que, atualmente é o segundo maior país em população negra no mundo, fica visível tal influência e importância destes sujeitos para a dinâmica e evolução de nossa sociedade.

CONCLUSÃO

A partir dos escritos aqui expostos, foi possível notar que o processo negro-africano e afrodiaspórico, é resultado de uma linha contínua de certos princípios que, garantidos por valores civilizatórios e transcendentais vão reger a vida destes sujeitos, mesmo diante de momentos trágicos de sua história como o período do colonialismo e da escravidão no final do século XV.

O que pretendemos neste texto foi demonstrar que, apesar de alguns trechos dos escritos acima terem assumido um tom instigante ao contar um processo histórico a partir do avesso da mesma história, existe também uma outra história viva que precisa ser revelada aos olhos da sociedade. Para isso, foram utilizados alguns exemplos para desmistificar as ideologias racistas e colonialistas que encobrem a presença histórica dos grandes feitos aplicados pelos africanos e seus descendentes através dos séculos.

Pretendeu-se ainda com este estudo, estimular o leitor/a a buscar outras referências que possam representar uma visão descolonizada dos saberes onde a cultura negra, sua cosmologia, sua religião, sua tecnologia e sua filosofia não são silenciadas ou apagadas para dar lugar e validação de uma única e exclusiva história enredada por uma cultura colonialista e hegemônica.

REFERÊNCIAS

- CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. 2007. 475 p. Tese (Doutorado – Programa de Antropologia Social) – USP, São Paulo.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos** - edição revista e ampliada. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari. **Descolonizando saberes: a Lei 10.639/2003 no ensino de ciências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018.
- PRANDI, Reginaldo. **Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás**. São Paulo: Seguinte, 2017.
- RODRIGUES, João Carlos. **Pequena história da África negra**. São Paulo: Globo, 1990.
- SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos**. Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

Recebido em: 29 de Março de 2021.
Publicado em: 31 de Outubro de 2021.